

BIOGRAFIAS QUE SE IMPÕEM

CARLOS STUDART FILHO

Sendo o homem, conforme sabemos, o fator determinante, a causal por excelência dos fenômenos históricos, do maior interesse seria, sem dúvida, para os que pretendam estudar o movimento de 1817, conhecer, sob os seus variados ângulos a fisionomia ou, melhor dito, o perfil psicológico das personagens que partilharam da memorável, embora malfadada revolta.

De posse de tais dados, estariam eles mais bem aparelhados para a formulação de um juízo seguro no tocante à gênese e aos aspectos sócio-políticos desse pronunciamento armado que marcou o início do período heróico da história do Cariri, pronunciamento que se tem injustamente pretendido considerar mera conspiração de família.

Infelizmente a tarefa de compor tais perfis é sobremaneira árdua e não tem, talvez por isso mesmo, seduzido os nossos estudiosos. Assim, não vem sendo ela levada a efeito com a amplitude que seria de desejar, nem realizada dentro de normas não passíveis de crítica.

A verdade é que a maioria dos pequeninos heróis que atuaram no tumultuoso drama — no número dos quais poderiam ser incluídos muitos daqueles mais a miúdo citados em papéis da época — desapareceram sem deixar, após si, memória de seus feitos; pouco mais são hoje do que nomes ou sombras esmaecidas pelo tempo.

Alguns tiveram as suas vidas imperfeitamente bosquejadas por biógrafos pouco avisados e não parece fácil encontrar hoje documentos capazes de ajudar o pesquisador a avivar-lhes os traços indecisos.

Raros, raríssimos, foram aqueles cujas biografias hajam sido escritas com razoável fidelidade e, desse modo, possam ser recebidas sem restrições de vulto.

O próprio Filgueiras, uma das figuras centrais do movimento rebelde, homem inculto, mas enérgico, destemeroso e magnânimo, não teve ainda um biógrafo em que pudéssemos confiar.

Não merece, na verdade, ser considerada obra definitiva, nem

havida em conta de verdadeira biografia, o estudo denominado "Um baiano a Serviço do Ceará", escrito em que Irineu Pinheiro intentou uma reabilitação histórica do rude e heróico sertanejo.

Embora alcerçada na interpretação de documentos autênticos, a visão unilateral de numerosos fatos impediu fizesse ele uma recomposição da vida de Filgueiras capaz de nos dar a impressão de autenticidade.

Tampouco as ações políticas e militares dessa personagem singular foram julgadas com a necessária isenção de ânimo.

Se não vale como biografia de Filgueiras o trabalho de Irineu Pinheiro, muito menos podem ser aceitas como tal as diatribes lançadas contra ele pelos seus desafetos.

Escritores parciais existem, com efeito, que se comprazem em apreciar a atuação de Filgueiras no cenário sócio-político do Ceará com extrema acerbidade e em lhe esboçar o retrato servindo-se de cores que absolutamente não se ajustam à sua personalidade real.

Revela notar que, ao concorrer poderosamente para o fracasso da intentona liberal de 1817, ele atraiu sobre sua pessoa a má vontade e o profundo e pertinaz ressentimento e — para que não digamos — a animadversão da Maçonaria Brasileira, e esta, através da palavra de historiadores e cronistas, a ela filiados, parece se haver esforçado valentemente por lhe denigrir e maisnar a memória.



Outra figura de não pequeno relevo no motim cratense, em torno de cuja vida continuam a rolar as mais acesas controvérsias, é D. Barbara de Alencar, genitrix de heróis e ela própria heroína de amor e dedicação aos seus distintos e turbulentos filhos. Admirada e enaltecida pelos que se têm ocupado da rebelião de 1817, também ela não escapou à maledicência dos que lhe eram infensos. Até a moralidade da ilustre matrona tem sido, por isso mesmo, vista sob ângulos opostos. Assim torna-se, para uns, seus panegiristas, senhora de excelsas virtudes, enquanto para outros, os maldizentes, ela não passaria de simples amásia de padre. Aliás, a imputação assacada contra ela vem de longe e caminhou através dos tempos, sem ter sofrido contestação por parte daqueles que deveriam ser os maiores interessados em exculpá-la.

Sua anciania transparece até de modo claro no tópico do ofício n.º 11 do Governador da capitania do Ceará, Manuel Inácio de Sampaio, onde se lê: "Nas cadeias da fortaleza daquela vila se acham presos à ordem de Sua Majestade, ... o vilgário do Crato, Pe. Miguel Carlos da Silva Saldanha, pai do Pe. José Martiniano".

Diga-se, de passagem, que semelhante opinião deve ter sido corrente na região do Cariri. Tanto assim era, que João Brígido — cronista de muitas infidelidades no que tange aos nossos fastos regionais mais remotos, mas história or aceitável, quando trata de assuntos chegados aos nossos dias — afirma, em carta a José Carvalho, que, para o público do Crato, os filhos de **Surubim**, (Surubim-pintado era a alcunha de José Gonçalves dos Santos) seriam todos os de D. Bárbara, menos um, o Padre Senador. . .”

*

O que não quiseram ou não puderam fazer os seus filhos e parentes próximos, tentou-o o poeta e escritor José Carvalho, trineto da heroína, em poema dado a lume sob o título de “D. Bárbara”, na ocasião das festas comemorativas do primeiro centenário da Revolução de 1817.

Comentando, na “Folha do Norte”, de Belém do Pará, de 5 de outubro de 1917, o trabalho de José Carvalho, disse o historiador e jornalista pernambucano Mário Carneiro do Rego Melo: “O tipo que ele (o autor do poema) descreve é incontestavelmente maior do que teria sido o original. D. Bárbara aparece no drama como admirável modelo de virtudes. Era, entretanto, a amásia do vigário Miguel Carlos, de quem José Martiniano teria sido filho, não obstante o português José Gonçalves dos Santos lhe fingir de marido para efeito de direito antigo: “pai é quem demonstra o legítimo casamento. . .” E prossegue:

“Monsenhôr Muniz Tavares, o cronista da Revolução, diz claramente que Martiniano fez tudo para converter o vigário Miguel, **seu bom pai**. Mas êste, não indo além de breviário e pensando unicamente na salvação do filho, o suplicou de desistir da empresa”.

As inculpações feitas a D. Bárbara por Mário Melo se viram impugadas por José Carvalho, que as rebateu em artigos para a imprensa que foram, mais tarde, transcritos na revista do “Instituto do Ceará” (Tomo XXXIV, ano XXXIV. Fort. 1920). Não cabe, no momento, apreciar se José Carvalho conseguiu os seus propósitos. É, porém, interessante ressaltar aqui que José Martiniano e seus irmãos ficaram indiferentes ao labéu atirado contra a genitora, labéu certamente injusto mas que passou a correr mundo, com foros de verdade aceita. É, aliás, o próprio José Carvalho quem observa o fato, ao escrever:

“É realmente de estranhar que José Martiniano, pelo menos não deixasse escrita uma memória em que, por um meio pelo menos indireto, pusesse a salvo a honra de sua mãe. Ele poderia, por exemplo, dizer que a razão de ser da grande afeição que lhe dedicava o vigário Miguel Carlos, era o ser parente próximo de D. Bár-

bara; seu amigo afetuoso; seu compadre; padrinho, pai de criação, educador do seu primeiro filho! Se lhe fez algum legado, poderia desassombradamente dizê-lo, que mal haveria nisto?"

E acrescentou: "João Brígido fez, sempre, notar que os Alencares eram sobremodo orgulhosos. Achar-se-á implicitamente explicado neste sentimento de altivez ou de orgulho esse desprezo pela calúnia que também fazia parte do seu martiriológio?"

O Barão de Studart — no "Dicionário Bio-bibliográfico Cearense", tratando de José Martiniano de Alencar (senador) não toma partido quanto à sua filiação. Afirma apenas que "nasceu no povoado de Barbalha, então pertencente ao Crato, a 16 de outubro de 1794 e teve por mãe uma heroína, D. Bárbara Pereira de Alencar, mulher que era do negociante português José Gonçalves dos Santos..." É certo que essa "mulher que era" tem aparecido a muitos, sem razão alguma ao nosso entender, como a clara evidência de que, também o autor do "Dicionário", partilhava da opinião dos que julgam D. Bárbara uma mulher de costumes matrimoniais duvidosos.



Os dois exemplos apontados e o que inicialmente ficou dito deixam perceber claramente as gritantes divergências que reinam entre autores que versaram a vida de alguns dos revolucionários de 1817, e a pouca consistência de muitas de suas afirmativas.

Mostram, ainda, que se fazem urgentes, em benefício de verdade histórica, novas indagações que visem a resolver tais divergências. Serviriam igualmente para fixar com segurança a fisionomia de outros co-participantes do tumultuoso drama que não houvessem ainda merecido a necessária atenção dos estudiosos das coisas do passado.